

TODA PERIFERIA É UM CENTRO

Francisco Rômulo do Nascimento Silva¹
Geovani Jacó de Freitas²

Resumo: O artigo aborda os encontros-saraus realizados por Poetas de periferia, em Fortaleza, Ceará, Brasil. O anseio por um líder não é mais a tônica, nem defesa de única ideologia sobre a realidade em sua concretude. Este aspecto aparentemente fragmentado das posturas políticas em sociedade é encarado como busca por emancipação, identidade, liberdade e rebeldia. Este artigo tem ainda por objetivo analisar como esses encontros-saraus se organizam como ação coletiva e de que maneira os afetos contribuem para a possibilidade ou não do direito de aparecer. Apresentamos uma escrita política e poética da nossa experiência etnográfica no Sarau da B1, localizado no Conjunto São Cristóvão, Zona Sul da Cidade. A partir da expressão “toda periferia é um centro”, discutiremos as implicações da circularidade, ocupação e as produções da periferia para a periferia que a transformam em centro, assim como apresentaremos a identidade-relação do Poeta.

Palavras-chave: Sarau. Ação Coletiva. Poetas. Afetos. Aparecimento.

EVERY PERIPHERY IS A CENTER

Abstract: This article addresses the soirée meetings held by Poets in Fortaleza’s ghettos, Ceará’s capital, Brazil. The yearning for a leader is no longer fundamental, nor the defense of a single ideology about reality in its concreteness. This apparently fragmented aspect of political positions in society is, however, seen as a pursuit of emancipation, identity, freedom and rebellion. This article also aims to analyze how these soirée meetings are organized as a collective action, and the way affects contribute to the possibility (or lack thereof) of the right to appear. This is a political and poetic writing of an ethnographic experience with Sarau da B1, a soirée meeting that takes place in Conjunto São Cristóvão, in Fortaleza’s southern tip. With the expression “every periphery is a center”, we discuss the identity-relation of the Poet and the implications of circularity, occupation and the productions of the ghetto, which turn this periphery into a center.

Keywords: Soirée. Collective Action. Poets. Affects. Appearance.

¹Jornalista, Mestre em Sociologia e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UECE) e pesquisador do Laboratório de Estudos Conflitualidades e Violência (COVIO), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8594-8754>. E-mail: franromulosilva@gmail.com.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UECE) e coordenador do COVIO/UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3661-9473>. E-mail: gil.jaco@uece.br.

TODA PERIFERIA ES UN CENTRO

Resumen: El artículo aborda los encuentros-saraos realizados por Poetas de periferia en Fortaleza, Ceará, Brasil. El foco no es más el anhelo por un líder, ni la defensa de una única ideología sobre la realidad de su concreción. Este aspecto aparentemente fragmentado de las posturas políticas en sociedad, se encara como una búsqueda por emancipación, identidad, libertad y rebeldía. El artículo tiene aún como objetivo analizar cómo esos encuentros-saraos se organizan en su calidad de acción colectiva y cómo los afectos contribuyen a posibilitar o no, el derecho de aparecer. Presentamos una escritura política y poética de nuestra experiencia etnográfica en el Sarau da B1, localizado en el Conjunto São Cristovão ubicado en la zona Sur de la ciudad. A partir de la expresión “toda periferia es un centro”, discutiremos las implicaciones de la circularidad, de la ocupación y de las producciones de la periferia para la periferia que la transforman en ese centro, y asimismo presentaremos la identidad-relación del Poeta.

Palabras-clave: Sarao. Acción Colectiva. Poetas. Afectos. Aparecimiento.

INTRODUÇÃO: “Toda periferia é um centro”

*Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é*

*Territórios livres
De todos os extermínios
Territórios livres
De todos os massacres
Territórios livres
De todas as chacinas*

*Aqui no nosso lugar
A desgraça deles não domina.*

*Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é*

*Do AB ao Pirambu
Nós fazemos o momento
Vem chegando o Sabacu*

To-da pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!

To-da pe-ri-fe-ri-a é um cen-tro, oooo!!!

*Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é*

*Ocupar é
Resistir!
Resistir!*

Resistir!

*Só com a luta podemos mudar
Sem esse amor não dá pra existir!*

*Com arte e cultura, vai
Ninguém nos segura, é.*

- **Baticum, “Territórios Livres”**

No coração comercial de um dos bairros mais pobres de Fortaleza (CE), o Grande Jangurussu (SER VI)³, encontramos um dos maiores cenários de produções culturais juvenis das periferias fortalezenses: o Sarau⁴ da B1, evento que acontece uma vez por mês desde 2015. Atualmente, à sua semelhança, existem dezenas de saraus espalhados pela Cidade. O evento leva este nome por acontecer na Praça da Avenida Bulevar 1, nº 121, no Conjunto São Cristóvão, Grande Jangurussu⁵.

Este artigo é resultado de pesquisa etnográfica, realizada no período de 2016 a 2018, no Sarau da B1. Tem por objetivo analisar como esses encontros-saraus se organizam como ação coletiva e de que maneira os afetos contribuem para a possibilidade ou não do direito de aparecer. A partir da expressão “toda periferia é um centro”, discutiremos as implicações da circularidade, ocupação e as produções da periferia para a periferia que a transformam em centro, assim como apresentaremos a identidade-relação do Poeta.

A recente reconfiguração e a efervescente produção artística nas periferias de Fortaleza são partes de um movimento em espiral que se processa longe dos holofotes das grandes mídias, do regulamento institucional e, em sua maioria, completa independência em relação aos editais públicos.

Os saraus da periferia são, geralmente, organizados em lugares abertos. Por

³ Alguns bairros receberam a denominação de “grandes” por sua complexa dinâmica interna de formação territorial, luta política de afirmação dos movimentos sociais e populacional. Além do “Grande Jangurussu”, temos, por exemplo, o Grande Bom Jardim que abriga cinco comunidades que poderiam de forma efetiva se tornar bairros oficiais. Em 2007, por exemplo, o Conjunto Palmeiras, uma comunidade que pertencia ao Grande Jangurussu, se tornou oficialmente bairro localizado na SER VI - Secretaria Executiva Regional VI.

⁴ Conforme Tennina (2013, p.11), “A palavra sarau não é recente. Diversas músicas, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX, da Europa e da América, fazem referência a essas luxuosas reuniões de amigos, artistas, políticos e livreiros, que, com frequência variada, encontravam-se em casas de certas figuras da alta sociedade ou em espaços exclusivos desses setores – como clubes e livrarias – para tornar suas criações públicas.”

⁵ O nome vem das palavras em Tupi: *Yanga* (“enxame”) e *Urussu* (“abelha silvestre”)

possuir um caráter de imprevisibilidade, reinventa “maneiras de fazer”, nas palavras de Michel de Certeau (1994). Isto é, novas formas de sociabilidades, zonas de re-existências e de intensidade [des]contínua (Achinte, 2009; 2017). Os *encontros-saraus* são mediados pela poesia falada, escrita e performada. Ambas giram em torno do *microfone aberto*, assim como por meio da distribuição e leitura de fanzines, sorteio e venda de livros e apresentações artísticas diversas, um verdadeiro convite ao movimento.

Estes encontros-saraus realizados nas e pelas periferias, como o que acontece na Avenida Bulevar 1, têm se espalhado e se consolidado pela cidade de Fortaleza-CE. As e os poetas⁶ periféricos, com suas práticas poéticas, à semelhança dos “vaga-lumes” referidos por Didi-Huberman (2011), são como pontos luminosos, fugazes e intermitentes que vão e voltam, possuem “uma vocação à iluminação em movimento” (p. 47-48 - grifo do autor) reinventam-se na escuridão da noite para sobreviver ao “clarão” das múltiplas opressões sofridas em seus corpos e mentes.

Os corpos-poetas que se mobilizam e ocupam praças, ruas, encruzilhadas e até mesmo instituições públicas, além de contradizer o discurso diário da mídia oficial que retroalimenta o estigma territorial e enfoca o viés da violência ou das carências existentes nestes espaços localizados às “margens” urbanas, inventam e reinventam múltiplas práticas de re-existências coletivas fazendo de “toda periferia um centro”, nas palavras do poeta Baticum. Um movimento que é artístico, político e afetivo, pois,

⁶ Segundo o dicionário *online* de português (<https://www.dicio.com.br/poetisa/>) Significado de “Poetisa” *substantivo feminino* “Aquela que escreve poesias ou compõe por meio de versos; mulher que compõe poeticamente: ‘Marina Colasanti é uma grande poetisa brasileira’. [Gramática] Forma Masculina: poeta. Etimologia (origem da palavra *poetisa*). Poeta + isa.” Entretanto, em campo percebi que a maioria das mulheres que escrevem e recitam poesias, inclusive as que eu entrevistei ou tive contato nos saraus, se autodenominam “poeta” ao invés de “poetisa”. Nina Rizzi, por exemplo, poeta, escritora e uma das organizadoras do Sarau da B1, em entrevista (02 de dezembro de 2018), quando perguntada sobre o por que “poeta” e não “poetisa”, afirma o seguinte: “a palavra que designa qualquer ofício feito por mulher, ela vem carregada dessa história que é uma história de apagamento, que é a história do patriarcado, que é a história da machismo, que é a história da misoginia. [...] Quando você fala ‘poeta’ e ‘poetisa’ é como se fossem palavras colocadas numa balança, né?! E a palavra da mulher ela sempre pesa menos, mas pesa muito pra gente! Então essa palavra ‘poetisa’ ela vem carregada desse ranço histórico, né?! Dessa história aflitiva, então quando as mulheres passam a requerer para si serem chamadas de ‘poetas’ e não ‘poetisas’, ela se coloca em pé de igualdade com o homem. ‘Eu sou poeta!’ Cecília Meireles já dizia isso há um século! ‘Não sou feliz, nem sou triste. Sou poeta!’ E muitas outras depois. Tem uma poeta contemporânea muito interessante que é a Alice Ruiz, ela fala algo que eu adoro, que é ‘Se os homens não querem que a gente seja poeta, eles que vão ser poetas’ E é isso! Poeta é poeta, né?! Deveria ser algo que ultrapassa o gênero. A palavra escrita alcança outras matizes, né?!” Por este motivo, o substantivo “poeta” será usado para ambos os gêneros neste escrito. Assim como “Poeta” com “p” maiúsculo para o conjunto dos e das poetas.

nas palavras de Glissant (2014, p. 65), “A Cidade está presente por toda parte”.

Em comemoração aos três anos de existência do Sarau da B1, a poeta e escritora Nina Rizzi, em entrevista para o Jornal O Povo, publicada em 10 de dezembro de 2018, falou do caráter autogestionado, comunitário, festivo, afetivo e de arte-educação de espaços como o Sarau da B1. Ao ser perguntada se “toda periferia é centro”, Nina respondeu:

Toda periferia é um centro! Primeiramente, por pura perspectiva de olhar, afinal, se estou na periferia ela é o meu centro e o longe é que se torna periférico. Mas é mais importante, porque as pessoas lá estão quebrando narrativas historicamente dadas como sujas, feias, violentas, e construindo as suas próprias! As periferias, como todos os lugares, são redes muito mais complexas que estereótipos, também são produtoras de cultura e beleza! (Nina Rizzi, entrevista Jornal O Povo, 10/12/2018)⁷

Glissant (2011), ao levar em consideração o contexto do “movimento” da literatura francesa como uma língua e cultura que historicamente visou à dominação e culminou no “pensamento de um Império”, afirma que o “pensamento poético está em alerta” e que em face ao “fantasma da dominação, procurou o mundo realmente vivível” (p. 36) Assim, o pensamento poético traçou e percorreu percursos nessa *relação* de dominação para depois aboli-los, a saber: do Centro para as periferias e, depois, o segundo itinerário, das periferias para o Centro do pensamento de um Império.

Entretanto, lembra Glissant, em um terceiro tempo, essa trajetória de dominação é abolida: “[a] palavra do poeta conduz *da periferia à periferia*, reproduz o vestígio do nomadismo circular, sim; significa que ela transforma *toda a periferia em centro*, e, mais ainda, que ela *abole a própria noção de centro e de periferia*.” (p. 36 – grifo nosso). É neste sentido que o poeta Bacutim, ao dizer que “toda periferia é um centro” procura desmontar a narrativa do “fantasma da dominação” que historicamente elege e traça fronteiras maniqueístas do que é “centro” e do que é “periferia”, onde é e onde não é perigoso, quem são e quem não são os criminosos, onde é que se faz e onde não se faz “arte de qualidade”, onde pode ou não circular na

⁷ Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2018/12/bate-pronto-com-a-escritora-nina-rizzi.html>> Acesso em 15 dez.2018.

Cidade, enfim, o que é e o que não é poesia ou literatura.

Nesta mesma direção que o poeta Talles Azigon falou de sua experiência e história com os saraus das periferias de Fortaleza. Além de ser um dos poetas que mais circulou e visitou saraus das periferias, Azigon ajudou a fortalecer muitos saraus que estavam surgindo na Cidade.

Eu gosto desse lance de poder circular mais livremente. Até porque quando tivemos o grande *boom* dos saraus nas comunidades, nos bairros aqui em Fortaleza eu ainda morava na Maraponga. E aí eu não sentia uma energia tão favorável pra colocar, organizar um sarau na Maraponga, né?! Então, é o que eu fiz muito, o que eu fiz mais foi ajudar a fortalecer os saraus onde acontecia e também fazer um papel que é um papel difícil, que é se comunicar com as instituições, né, com as instituições do Estado. Porque eu promovia os Sarauzona dentro da programação do Maloca Dragão, trazendo a galera que tava nos bairros lá pro Dragão Mar, aí fiz sarau no Porto Iracema das Artes, trazendo a galera das comunidades, porque eu acho que todo espaço é nosso. Todo o espaço é nosso e a gente tem que ocupá-los. Alguns exigem uma linguagem burocrática que se eu pudesse eu não cumpriria. Mas até pra isso, né, a gente precisa entender como é que esse mecanismo funciona, porque ele está desse jeito, e como a gente pode infiltrar, né, a tática da infiltração e aí foi esse o meu papel, é esse o meu papel até hoje. [...] Baticum diz que “toda periferia é um centro” Então, o centro pode ser também uma periferia e pode ser um centro. A gente desconstruir a cidade é preciso, né?! Eu preciso desconstruir a cidade. Eu tenho direito de andar na cidade, né?! Eu quero isso. Eu quero estar no Antônio Bezerra, mas eu quero estar no Dragão do Mar, eu quero estar Caixa Cultural, eu quero estar no Serviluz, eu quero estar no Curió, eu quero estar em todos os lugares, porque tudo é meu, tudo é nosso. (Talles Azigon, entrevista, 26 de setembro de 2018)

Ao ocupar ou frequentar determinados espaços “gentrificados”, pensados como circuitos turísticos da Cidade, os poetas de periferia estão se apropriando temporariamente dos espaços “não feitos para eles”. Trata-se de circuitos culturais do turismo local, o Dragão do Mar de Arte e Cultura, na Praia de Iracema, por exemplo. O equipamento em questão é rodeado por ocupações-favelas que ainda resistem à “revitalização” dos espaços precários do Bairro em favor da especulação imobiliária, iniciada desde o início dos anos 1970. Neste período, famílias inteiras foram removidas, colocadas “à margem” durante este processo de “gentrificação” da Cidade, conforme revela tanto Bezerra (2008), sobre o bairro Iracema, quanto Pedrosa (2012),

ao narrar a história do Conjunto Palmeiras (bairro que até 2010 fazia parte do Grande Jangurussu, mas foi emancipado) e dos integrantes da Cia. Bate Palmas:

A comunidade tem uma história conturbada marcada pelo descaso do Estado. No início dos anos 1970, o local serviu de laboratório para uma tentativa de “limpeza sanitária” por parte do governo da ditadura militar. A Fundação de Serviço Social, órgão da Prefeitura Municipal de Fortaleza da época, então ocupada por Vicente Fialho, retirou, ao todo, 1.500 pessoas de áreas pobres consideradas de arriscadas e realocou-as para uma região localizada a 22 km do centro da cidade. O governador do Estado, na época, era Plácido Aderaldo Castelo. Transportados de forma rústica em caçambas, removidos de favelas como Poço da Draga, Verdes Mares, Moura Brasil e Morro das Placas, os habitantes resistiram a uma longa e desconfortável viagem até serem *despejados* dentro do conjunto. Ao colocarem os pés no chão, viram-se, surpresos, em uma região pantanosa marcada por alagamentos e coberta por mato. O solo enlameado sujava os calçados e as poucas bagagens trazidas. (p. 26 – grifo nosso)

A ação, portanto, de ocupar e frequentar os diferentes espaços da Cidade significa desmontar os cálculos de dominação histórica e sócio espacial. Não obstante, por vezes, algumas limitações objetivas dificultam ou impedem este viver a cidade, este “desconstruir a cidade”, seja por razões financeiras e de mobilidade urbana, seja pelos traumas do racismo institucional e das frequentes abordagens da polícia militar ou da Guarda Municipal a estes “poetas-suspeitos” nas periferias de Fortaleza.

Portanto, a postura política de reinventar as periferias tornando-a “centro” de produção artística, de poesia e literatura é por si só repensar a produção cultural da Cidade, tornando-a, neste sentido, “periferia em centro”/“centro em periferia” e, por sua vez, abolindo as noções “centro/periferia” por meio da ação coletiva dos saraus.

AÇÃO COLETIVA DOS AFETOS

Na esteira da contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva (CEFAÏ, 2009), é possível pensar os encontros-saraus feitos pelos poetas como *ações coletivas* que pretendem, cada vez mais, se autonomizar. O anseio por um líder não é mais uma tônica, nem tão pouco uma defesa de uma única ideologia norteadora que pretenda explicar a realidade em sua concretude. Este aspecto aparentemente fragmentado das posturas políticas em sociedade pode ser encarado

como uma busca pela emancipação, identidade própria, liberdade, rebeldia, portanto, do em-Comum.

Conforme Gohn (2014), ao se referir às novas teorias dos movimentos sociais, não é possível, portanto, compreender as forças de tensões políticas entre o Estado e a sociedade civil em blocos, mas a partir de uma desobediência civil ou uma obediência fragmentada - com todas as contradições no campo da representatividade, em “uma conjuntura social e política extremamente contraditória na América Latina”, resultado “da decepção e da não-credibilidade em geral da sociedade civil para com os políticos, da composição da arena político-partidária e dos processos morosos de participação social (Gohn, 2014, p. 59).

Neste sentido, diferentemente dos movimentos sociais, os saraus autonomistas feitos nas periferias não se alimentam da ideia de uma “comunidade total” que possuem líderes e que se pretendem “representar” a sociedade. Conforme Alexander (1998), os movimentos sociais não somente reivindicam para si o *status* de “representar a sociedade” como um todo, mas inclusive, a autoridade de falar diretamente a ela em nome de um interesse particular.

O encontro-sarau é constituído por maneiras de fazer. Neste sentido, a sociologia da ação coletiva enunciada por Cefaï (2009) preza pela horizontalidade, não atende a uma liderança ou poder centralizador, possui capacidade de talhar a vida cotidiana por meio de suas práticas de re-existências poéticas e representar a si mesmo (Cefaï, 2009).

*As/os poetas de lugar nenhum*⁸, ao ocupar os diferentes espaços da Cidade, desmontam a noção de territórios/lugares fechados para com isso fomentar o direito individual e coletivo de circular e ocupar, ainda que esta circularidade e ocupação esteja em constante negociação e sob ameaça devido à precária mobilidade urbana, ao medo do “baculejo”⁹ da polícia, do medo do racismo estrutural e institucionalizado e, não raro, ao receio das imprevisibilidades ocasionadas pelas fronteiras assinaladas

⁸ Uso a categoria local *poeta de lugar nenhum* para assinalar as práticas por meio e envolta da poesia e da literatura falada, escrita e difundida, como forma de re-existência, subversão e luta pela vida - engenhosidades e agenciamentos coletivos que expressam a necessidade não apenas de resistir, mas de re-existir. Todas as vezes que uso “marginal” seguido de “poeta” o faço a partir de uma autorreferência explicitadas em campo ou durante entrevistas semiestruturadas com os próprios interlocutores deste artigo em questão.

⁹ Abordagem policial.

por insígnias do comércio varejista ilegal de drogas e armas realizado pelas facções criminosas, definidas, “como um coletivo constituído por associações, relacionamentos, aproximações, conflitos e distâncias necessárias entre pessoas comprometidas em fazer o crime” (Paiva, 2019, p. 170).

A lógica da militarização - as ocupações militares e o seu reverso, as “pacificações do crime organizado” -, nasce e alimenta-se da vida que lhes cercam. A especificidade do presente tempo histórico, político e estrutural continua privilegiando a inimizade, os espíritos belicosos, os movimentos de ódio e hostilidade que se alastram nas redes sociais (principalmente as da internet), a luta contra um “inimigo” pré-fabricado, encastelamento narcisista, instalação de cercas elétricas e câmeras de vídeos traduzem a construção social do medo sob a máscara de democracias liberais que possuem como fio condutor, conforme Mbembe (2017, p. 55), “viver a ferros” como norma.

Como construção social, seguindo Freitas (2003), podemos considerar “o medo como um dos ecos mais significativos da violência” (p. 101). O medo, em seu caráter objetivo e subjetivo, pode ser verificado sociologicamente atravessando as relações sociais,

[...] é decorrente de um substrato de realidade objetiva, experimentada pela observação e participação direta do indivíduo nos fatos considerados ameaçadores ou perigosos à ordem dominante [...] ao mesmo tempo em que é fruto de uma *conduta antecipatória da possibilidade de perigo*, construída pelos agentes expostos às situações vulneráveis. (Freitas, 2003, p. 103 - grifo do autor)

Apesar das/os poetas não estarem isentos do medo e suas consequências objetivas, poetas como Talles Azigon, Patrícia Alves e Carlos Melo praticam um tipo de circularidade pela Cidade contrária, inclusive, aos regimes do medo: levam consigo não somente suas poesias e palavras, mas a capacidade de sentir o choque em outro lugar (Glissant, 2011), de afetar-se apesar - e por isso mesmo - das inúmeras fronteiras erguidas e das “condições de precariedade que comprometem as condições de ação” (Butler, 2018, p. 29), as/os poetas de lugar nenhum caminham a contra-pêlo da noção autoritária da territorialidade impregnada pelo medo latente e capilarizado, para então viver a experiência do *encontro-sarau*.

Dentre os inúmeros encontros-saraus realizados na cidade de Fortaleza, alguns orientam-se por uma perspectiva *autonomista*. Esta perspectiva faz coro com o que Glissant (2011) chama de “pensamento da errância”, ou seja, um pensamento nômade. Em Glissant, o conceito deleuziano de nomadismo está sobredeterminado pelas suas condições de existência e por um desejo de liberdade: “é o caso do nomadismo circular: muda de direção à medida que partes do território ficam esgotadas, a sua função é garantir, através dessa circularidade, a sobrevivência de um grupo. [...] O nomadismo circular é uma forma não intolerante da sedentariedade impossível”. O pensamento nômade oposto seria o nomadismo invasor ou dos Conquistadores, “que tem como objetivo conquistar terras através do extermínio dos seus ocupantes. Este nomadismo não é prudente e nem circular, não mede seus efeitos, é um salto absoluto em frente: um nomadismo em flecha.” Diferentemente do nomadismo circular, este último é essencialmente movido por “um desejo devastador de sedentarismo” (p. 22).

Nesta perspectiva, os encontros-saraus não se deixam ser totalmente capturados pelas instituições estatais e por não ser originalmente criado por uma instituição do Estado, eles são mais que uma reverência à poesia. Este pensamento nômade circular nasce da experiência cotidiana. Os encontros-saraus são poesias-relatos de uma vida concreta, uma verdadeira luta na existência, subversão dos códigos sedentários do Estado, desvelam e denunciam as diferentes violações históricas materializadas em seus corpos, nas relações cotidianas, além de repudiar o genocídio de uma população majoritariamente negra, pobre e muito jovem, assassínios estes que operam em espaços precários e completamente militarizados, marcados pelas insígnias do medo, do terror provocado por extermínios e chacinas.

Trata-se de vidas fragmentadas em territórios fragmentados e impingidos por meio de “uma violência sem limites e de uma precariedade sem limites”. As/os poetas que, ao mesmo tempo em que estão imersos em “lógicas de distribuição da violência” em escala planetária do neoliberalismo, recriam maneiras de fazer para escaparem, sobreviverem pela possibilidade de uma “redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência” (Mombaça, 2019) na contingência de uma “violência emancipadora” que é o “exato oposto da violência colonial” proposto a partir de um “saber das experiências de racialização e sujeição” (Mbembe, 2018).

Assim, os encontros-saraus são orientados por uma multiplicidade de emoções e divergem da linearidade das ações que lhes são dirigidas pelos poderes públicos, como mostrou Brandão (2016), ao revelar, a partir do caso de Pernambuco, que a principal emoção que move governos a agir com jovens é o medo. No caso destes jovens periféricos de Fortaleza, que encontram nas práticas poéticas formas de resistir e de re-existir, as emoções são muito diversificadas e também influenciam o desenvolvimento daquilo que lhes movem.

A tessitura em sua dimensão *afetiva* que põe em movimento os encontros-saraus não pode ser negligenciada. Cefai (2009) lembra que a afetividade é uma das recentes temáticas na abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. Neste sentido, entender como as emoções mobilizam as/os poetas e, por sua vez, possivelmente contribua para o *direito ou não de aparecer* são importantes questões aqui levantadas.

A afetividade, segundo o autor, é o que provoca a experiência “tanto perceptiva quanto cognitiva ou moral.” Neste sentido, ela pode ser garantidora do contato entre as/os poetas, unindo-os nas situações e situando-os nelas. A ação coletiva existe inclusive no “sofrer e no compartilhar” e não somente nas atitudes. (idem). No entanto, “afetos” aqui não se trata apenas de sentimentos e emoções (Lordon, 2015).

Neste sentido, os afetos provocados pelas práticas de re-existências poéticas das e dos poetas das periferias devem ser pensados a partir do verbo “afetar”, isto é, tocar, perturbar, abalar, atingir. Esta potência mobilizadora da poesia e dos encontros-saraus, conforme o poeta Carlos Melo, possui a vocação para *agregar* e reinventar a vida cotidiana não somente das/os poetas, mas dos territórios onde acontecem.

[...] é um encontro de pessoas que se unem pra curtir a arte, né, não fazer, mas viver a arte ali no momento de união e em um dia determinado e que se juntam simplesmente para viver a arte, né?! E a poesia, porque a poesia, eu acredito que ela é tão natural na gente que ela é muito fácil de ser exposta, né?! E ela chega de uma forma no outro que o outro vai receber ela ou com impacto ou com muito amor, mas vai chegar e vai fazer uma diferença, porque como eu disse anteriormente, ela trata de sentimento e todos nós temos. Então em algum momento uma poesia ela vai te tocar de

alguma forma, seja positivo ou negativo, mas vai (Carlos Melo, entrevista em 14 de fevereiro de 2018).

A poesia inventa afetos. Como experiência individual e coletiva, por meio do *relato* da vida cotidiana, as/os poetas tecem práticas de re-existências: questionam a noção de “centro” e “periferia”, não se deixam ser totalmente capturados pelas instituições estatais, inventam espaço-encontro festivo e de arte-educação e ocupam espaços públicos como corpo-político na [im]possibilidade do exercício do *direito de aparecer*.

O SUBSTANTIVO “POETA”

Meu nome é Chris Rodrigues, sou artista de rua, poeta marginal. Eu costumo dizer que sou filho da classe trabalhadora, sabe? Herdeiro da periferia, minha mãe é zeladora no Hospital do Coração, uma mulher preta, pobre, favelada, analfabeta, mas uma mulher que me ensinou os princípios necessários, como eu falo no busão, a ser uma pessoa de caráter, uma pessoa correta. Por trás de mim, por trás não, ao meu lado, existe uma mulher que me faz ser forte pra resistir, né, porque eu não sou uma pessoa comum, eu sou andrógino não-binário, né, minhas coisas são de mulher, de saia, de vestido, de shortinho, prefiro não me rotular, não rotulo roupas nem pessoas, não rotulo nada e assim eu vou fazendo com que a minha vida seja mais alternativa, mais fora do sistema possível, porque é impossível ficar fora do sistema totalmente, a gente morreria, concorda? (Chris Rodrigues, 30 de junho de 2018)

Jovens como Chris Rodrigues - tomando como referência a poesia, a literatura e os *encontros-saraus* - chamam a si mesmos de “poetas”, “poetas marginais”, “poetas de rua”, “poetas de ‘cambão’”¹⁰. É importante lembrar que o campo que estamos tratando tem uma das principais características a heterogeneidade, marcada pelas múltiplas identidades. A impossibilidade e despreensão de capturar um perfil ideal em seu estado “puro” não somente são reconhecidas neste escrito, mas, sobretudo, evitadas. É possível percebermos que a grande maioria das e dos poetas são jovens entre 15 e 29 anos, composta por negras e negros, dentre os quais jovens LGBTQIA+ que se autodenominam “poetas marginais”.

¹⁰ “Cambão” ou “busão”: expressões locais para ônibus ou transporte coletivo. Para ver “poesia no ‘cambão’” conferir: SILVA & FREITAS. Práticas de re-existências poéticas: a poesia no “busão” em Fortaleza (CE). INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 22 n. 1, p. 97-123, mai. 2020.

O pensamento do rizoma, de Gilles Deleuze e Félix Guattari está na base daquilo que o filósofo Édouard Glissant (2011, p. 21) chama de uma *Poética da Relação*, “segundo a qual toda a identidade se prolonga numa relação com o Outro”. Portanto, cada poeta são vários e poetas reunidos em um encontro-sarau é uma multidão.

A *identidade-relação* possibilita outra forma de vida: não autoritária, não maniqueísta, não binária, contraponto ao conhecimento vertical/horizontal e a uma criação fundadora do mundo: “a identidade enquanto sistema de relação, enquanto capacidade de ‘dar-se com’, é, inversamente, uma forma de violência que contesta o universal generalizante e que tanto mais requer a severa exigência das especificidades. Mas é difícil de equilibrar.” (Glissant, 2011, p. 138). O rizoma, portanto, é um sistema aberto, percursos em espiral, um emaranhado sem começo e nem fim, multilinear. O rizoma, ainda nas palavras de Glissant (2014, p. 139), “é uma rede, uma alquimia também”.

O adjetivo “marginal”, por exemplo, é usado para aquelas pessoas que se encontram na marginalidade em relação à lei ou à sociedade. No primeiro caso, “marginais” podem ser aqueles que possuem relação direta com o “perfil bandido” internalizado pelos policiais, pela moralidade pública e pelas leis penais que considera o recorte de cor, idade e fator econômico como critérios de seletividade, conforme Michel Misse (1999; 2010), ao teorizar acerca da sujeição criminal¹¹. Assim como podem ser também àqueles que estão em uma situação de precariedade, isto é, grupos vulneráveis desprovidos de políticas protetivas (Butler, 2018)¹².

Em entrevista, a poeta marginal Chris Rodrigues diferencia “poesia marginal” da “poesia romântica”, assim como distingue as/os poetas que moram no “asfalto”, próximo ao “centro comercial”, daquelas/es poetas que moram no beco da favela, embora morem no mesmo bairro.

¹¹ [...] o sujeito criminal que é produzido pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais. Não é qualquer sujeito incriminado, mas um sujeito por assim dizer “especial”, aquele cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados. Ele é agente de práticas criminais para as quais são atribuídos os sentimentos morais mais repulsivos, o sujeito ao qual se reserva a reação moral mais forte e, por conseguinte, a punição mais dura: seja o desejo de sua definitiva incapacitação pela morte física, seja o ideal de sua reconversão à moral e à sociedade que o acusa. (MISSE, 2010, p. 17)

¹² Para Judith Butler (2017; 2018), “Condição precária” se refere a uma condição universal de todo vivente. “Precariedade”, por sua vez, trata-se daquilo que se dá de forma induzida, por violência a grupos vulneráveis ou ausência de políticas protetivas.

Ei, porque assim, eu explico assim no ônibus, é o meu jeito de explicar. Poesia marginal é diferente da poesia-poesia, do romance, do orvalho, do pôr do sol, da calmaria e aquele negócio, se liga? Poesia mar-gi-na-li-za-da [fala pausadamente] que é o que nós somos desde a hora que nós nascemos. Marginalizados. Expostos a periferia, botados de lado, eu tava falando disso hoje, da diferença de quem mora aqui no asfalto e de quem mora ali embaixo, se liga? Aqui tem mais acesso a tudo, ali embaixo no Estrela é mais difícil. Não é mais difícil pra uma pessoa que mora num beco, numa viela, chegar no asfalto bem ali, chegar na farmácia, chegar em qualquer canto, se liga? Centraliza tudo e quem tem mais grana mora perto do centralizado e quem não tem é colocado de lado nas periferias, marginalizado. A periferia fica nas margens do que é centro. (Chris Rodrigues, 30 de junho de 2018)

O recorrente adjetivo “marginal” usado - mas não de forma unânime - após o substantivo poeta, explicita não somente a marginalização social e econômica, mas também uma postura política que ressignifica a palavra “marginal” por meio da recusa ou revisão da *norma poeta/poesia*: autores e produção literária que estão relacionados ao “mercado editorial, ao tipo de linguagem apresentada nos textos e à escolha dos protagonistas, cenários e situações presentes nas obras literárias” (NASCIMENTO, 2006, p. 11), como denuncia e se posiciona diante dos processos de silenciamento e invisibilidade historicamente retroalimentados e atualizados.

Ao discutir as dicotomias poder/identidade imbricadas na ideia “centro” e “periferia”, assim como a organização, produção e difusão protagonizadas pelas/os poetisas de lugar nenhum com o poeta Talles Azigon, perguntamos-lhe por que havia inicialmente se apresentado somente como “poeta” e não como “poeta marginal”, ao que ele nos respondeu:

Eu, sinceramente, acho que existem os “poetas”. Assim, quando você pensa, inicialmente, tive um receio com essa questão, dessa palavra. [...] Então né, já tinha problema com essa própria palavra “marginal”. É tanto que nas aulas de Literatura e quando eu conversava com os meninos eles chamavam de “geração mimeógrafo”, “geração de 70”, mas não gostava já de usar essa palavra “marginal”. Mas quando as populações... quando os poetas e as poetisas da periferia toma pra si esse título como uma afronta, né?! É a mesma questão do próprio negro, né, do preto. “Ei, preto!” foi usado por muito tempo de maneira pejorativa, né?! “Ei, preto! Preto véi!” E

aí, quando as populações negras, as populações pretas, disse: “Eu vou usar o preto. Eu sou preto sim, e daí?” [...] Eu não me considero um “poeta marginal”, talvez eu seja marginalizado pelo sistema vigente, né, eles querem, né?! É tanto que eu publiquei no “Saral” Né, no livro. A primeira frase que tem no “Saral”, um micropoema que abre o “Saral” é “Você querendo ou não, isso é literatura!” Que já é minha maneira de afrontar o sistema. E a gente é marginalizado de verdade, sabe?! [...] Então, eles sim nos marginalizam, né?! O Estado nos marginaliza, essa galera aí que é a dona da literatura, que gosta de nos marginalizar (Talles Azigon, entrevista em 26 de setembro de 2018).

É nesta mesma direção que Conceição Evaristo (2009, p. 20), ao tratar da literatura brasileira, afirma que ainda existe uma “forte tendência em invisibilizar o negro” ao levar em consideração não somente quem produz literatura, mas também a quantidade de obras que compõe a produção brasileira em que o “personagem negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central”. Quando se trata da mulher negra, segundo a autora, é constatado que a personagem brasileira é, por excelência, branca. Neste sentido, Evaristo verifica que não são poucas as instâncias de poder imbricadas em si com o intuito de manter o controle, a produção e a distribuição de seus produtos culturais.

Considerando o exposto, o desafio de saber em que condição é possível, menos possível ou impossível apreender determinadas existências, cuja ontologia é social e politicamente demarcada, Fanon apontava para uma impossibilidade de qualquer explicação ontológica quando se trata do Negro:

Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. Claro, bem que existe o momento de “ser para-o-outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada [...] Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma

civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (Fanon, 2008, p. 103-104).

Os processos históricos de racialização, conforme Mbembe (2014), têm como objetivo marcar estes sujeitos de forma mais ou menos codificada, fixando limites de onde é possível circular, distribuindo conforme hierarquias e divisões no interior de espaços mais ou menos estanques por meio de uma estrutura binária de poder/identidade - *a lógica do recinto fechado*.

Neste sentido, Homi Bhabha (2013, pp. 373-374 - grifo do autor), ao retomar o ensaio “A experiência vivida do negro” (*The Fact of Blackness*) escrito por Fanon (2008), explora “a performance fenomenológica de Fanon do que significa ser *não apenas um negro*, mas um membro dos marginalizados, dos deslocados, dos diaspóricos”. Trata-se daqueles cuja própria presença é “vigiada” e “ignorada”, no sentido de controle social e na recusa psíquica, respectivamente. “O Fato da Negrura” é uma escrita “sobre a temporalidade da modernidade dentro da qual a figura do ‘humano’ vem a ser *autorizada*”. Ou seja, trata-se da percepção de Fanon acerca do “*caráter tardio do homem negro*” - não se trata apenas de uma questão de inadequação ontológica ou de uma ontologia inadequada à identidade negra, mas de uma *impossibilidade ontológica* para a compreensão do mundo moderno¹³.

POETAS SEM ROSTO E O DIREITO DE APARECER

ultimamente tenho pensado no que eu tenho feito.
e minha luta, minha letra tem surtido efeito.
se tem tido êxito, sentimento.
minha mente trampa contra a tranca e planta uma semente.

- **Jardson Remido**

Os quatro longos bancos de concretos na praçinha formam um quadrado com uma passagem de acesso em cada ponta. Das três praçinhas, a que acontece o Sarau da B1 é a mais iluminada. O dia foi chuvoso e o tempo estava frio, aos poucos jovens

¹³ “É a oposição à ontologia daquele mundo branco - a suas formas presumidamente hierárquicas de racionalidade e universalidade - que Fanon se volta em uma atuação que é interativa e interrogativa - uma repetição que é iniciatória, instalando uma história diferencial que não retornará ao poder do Mesmo.” (Bhabha, 2013, p. 374)

chegavam no local. Para se aquecer, cruzavam os braços, alguns fumavam um cigarro, outros bebiam uma dose de cachaça que circulava entre os pequenos grupos. Alguns chegam como quem já vai embora, ficam ali em pé pensativos. Alguns chegam de “passagem”, mas, às vezes, ficam ouvindo, assistindo até o final. Algumas crianças brincam, outras recitam poesia. As mães e os pais estão logo ali ao lado tomando uma cerveja e comendo um espetinho de carne com baião-de-dois vendido pelo boteco ao lado.

Ao som de “Ponta de Lança” do Rincon Sapiência, *rapper* e poeta brasileiro, a Praça da B1 ia sendo tomada por pessoas chegando de moto, *bike* e a pé, poucos de carro. A grande maioria vieram de cambão. Vinham em bandos. Grupos de sete a dez jovens iam chegando e cumprimentando aqueles que já estavam no local.

Indagamos a Dali (Daniel Lima), que se encontrava sentado ao nosso lado, quem eram essas galeras que estavam chegando. Ele respondeu que a maioria estava na Ocupação Gregório Bezerra e viera participar do sarau, conhecer novas pessoas e rever outras. Segundo Dali, alguns deles estão em situação de rua, outros estão viajando (“mochilando”) por algumas cidades do Nordeste inteiro.

Os encontros-saraus realizados à margem da Cidade são marcados pela precariedade induzida histórica, social e economicamente. Por este motivo - ainda que de forma tácita para alguns - os corpos se reúnem em uma aliança, nas palavras de Judith Butler (2018, p. 31- grifamos), uma espécie de “assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos” para a [im]possibilidade de um “exercício - que se pode chamar de performativo - do *direito de aparecer*, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis”.

As lanchonetes, pizzarias, bares e igrejas das proximidades já estavam funcionando. O fluxo de carros, motos, bicicletas e pessoas passando é razoável. Um grupo de cinco jovens arrumados, portando bíblias, no rumo a uma igreja evangélica ali próximo, passam olhando, um deles pára para ver e ouvir.

No centro da pequena praça estava Jardson Remido. Com a “cara amarrada” a uma camisa em alusão ao Movimento Zapatista,¹⁴ cujos integrantes do EZLN usam

¹⁴ No recente artigo “Legado e rupturas da Revolução Soviética desde as lutas sociais na América Latina”, BARBOSA (2017) apresenta alguns elementos de releitura teórica e histórico-política da Revolução Soviética nas lutas sociais de fim de século, em particular aquelas articuladas pelos movimentos sociais, no caso, o Movimento Zapatista.

balaclava para cobrir o rosto. Ao som da música “O Circo Chegou” do Facção Central, Remido elabora uma *performance* a partir da letra da música. Como um equilibrista circense, equilibra na palma da mão uma vassoura durante a introdução da canção:

Respeitável público! Senhoras e senhores, meninos e meninas,
Sejam bem-vindos ao nosso circo! No picadeiro teremos palhaços,
Acrobatas, pernas de pau, trapezistas, malabaristas, equilibristas,
Números de ilusionismo, truques de mágica e domadores.
Ria quem puder, seja feliz quem for capaz, hahahaha... ¹⁵

O poeta sem rosto coloca um livro na cintura, como se fosse uma arma de fogo e, ao mesmo tempo, de cócoras, acende o isqueiro sobre o livro aberto, performando um viciado em *crack*: “Incitando educação na mente das criancinhas!”, conforme o seu poema. Com o rosto coberto, “o Poeta ergue-se, ergue com ele o mundo” (Glissant, 2014, p. 110). Entre uma “pedra” de conhecimento fumada e outra sobre o livro, Remido engatilha o livro na altura do rosto dos presentes, toma de refém um dos jovens e com o livro ameaça atirar em sua cabeça, caso alguém reaja, pois o poeta “anda fortemente amado e quem reagir é um abraço à queima-roupas!”

Com o microfone em uma mão e um livro na outra, a *performance* continua. Ele recita um de seus poemas mais conhecidos por meio do qual, dispara:

*Avisa lá pro playboy que quem tomou a vaga dele na faculdade federal
fomos nós
Aproveita também e avisa lá pro filhin de papai
Que se ele não aproveitar a faculdade
A favela toma a vaga dele e valoriza bem mais
Avisa lá pro Águia Dourada que nós tamo na faculdade federal e não no
programa policial do Barra Pesada
Avisa lá pro PM que me chamou de marginal que qualquer dia eu esfrego
na cara dele meu diploma da faculdade federal, pra ele aprender a respeitar
as cara, e saber que favelado é intelectual.
Que na minha mochila não tem droga, arma, mas tem livro, estudo, esforço
e potencial.
Colégio Farias Brito, primeiro lugar em medicina, só que pra mim não tá
dizendo nada. Meu primo também seria se não fosse confundido como
bandido e morto pelo demônio de farda.
A poesia pausa, pesa, pisa, pousa e pulsa em cada um de nós.*

¹⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zUFjcARtpdE>> Acesso em nov.2018.

Só que Jesus é favelado e o diabo é playboy, pois pela paz, eu tirei o pino da granada carregada de amor e joguei. Pra ver quem tem a disposição pra se jogar no amor.

Pra ver quem ouve o clamor da sabedoria, ou quem compreende a dor da periferia.

Dona Maria, eu também preferia, ver os meus, ver os teus, entupindo as bibliotecas e ocupando as escolas, do que entupindo as cadeias e ocupando as algemas.

Literatura te tira do tiro da viatura! E eu tô bolado e tô bolando um baseado - só que é o baseado em fatos reais.

São realidades, cidades de desigualdades sociais. Nas favelas, os demônios se vestem de policiais. Nossos abraços são abrigos para os mendigos.

Estou com os esquecidos que cola e fecha comigo.

Que medita e mergulha numa profunda reflexão:

Que todos nós somos seres lactobacilos sujeitos a transformação. Mais ação, mais ação! O repartir do pão é uma ruptura que une e agrega os irmãos. A recuperação de quem sai da prisão é realmente surpreendente. Os loucos prosseguem confundindo os sábios e cobrando inteligentemente. As ruas estão com a gente. O som da revolução adentrou a mente de um menino, observou. Absorveu com o coração e atingiu o seu espírito.

Tamo no perímetro, cuidado governador Camilo aqui é o fronte: derrubando os muros e com os entulhos construindo as pontes!

Quero ser mais que um espelho ou referência para um menino, eu quero que ele escolha a escola, para refletir o seu destino.

Meu sonho é ver criança com o um livro por baixo do braço e não com fuzil sobre o ombro.

“Mãos pro alto que é um abraço e quem reagir é poesia à queima roupas!”

Eu ando fortemente amado pela minha mãezinha e pela minha coroa, pois foi a minha mãezinha que me ensinou que lugar de mulher não é só na cozinha, mas onde ela quiser, até na advocacia. Sendo Presidente, mais que chefe de família e nenhum machista otário vai passar por cima da dona Maria!

Deixa que eu ensino pra polícia o que é apologia. Eu com diploma na cintura, formado em pedagogia, incitando a educação na mente das criancinha, porque bandido de verdade é o deputado lá em Brasília!

Eu sou poeta delinquente do sangue quente e a mente fria, fazendo o playboy tremer no calibre da poesia.

E se o moleque me ver cheirando cocaína, ele vai querer cheirar, mas se ele me ver informando, vai tentar estudar. Enquanto não houver educação de qualidade, vai ter promotor de justiça morto pela mão do menor de idade.

Ra-ta-ta-ta! O palhaço vai sorrir enquanto o judiciário for bom pro empresário e não pra mim. Deixa eu falar pra ti, de que vale o diploma e a medalha de honra se não respeita as travestis?

Avisa lá pro playboy que quem tomou a vaga dele na faculdade federal fomos nós!

Vocês vão me chamar de Belchior, não por ter sumido, mas por ter cortado a carne de vocês, a carne do burguês. Se prepara playboy que tu é a bola da vez!

Aê deputado, teu choro não me comove, na moral, pede perdão pro meu coquetel molotov. Mas o diabo me quer queimando o playboy como refém no porta mala do carro da BMW, mas minha meta é faculdade, diploma e pós-doutorado!

Certa vez, voltando da sala de aula, da minha mochila entrego meu livro na mão do menor e digo: “aê menor, segura esse oitão, mas toma cuidado que os cana tão na quebrada! Nem pensa em trocar bala, porque te quero trocando palavras! E se a polícia perguntar se tu tem passagem, responde que tem passagem na faculdade federal por porte ilegal de inteligência.”

Porque eu prossigo incitando o crime: apologia à leitura.

Porque a literatura te tira do tiro da viatura!

Satisfação!

Perto das 20h00, e os bancos da pracinha todos ocupados. Frequentadores e poetas assistindo e acompanhando atentamente a *performance* poética de Jardson Remido - como um espelho, todos ali passamos a ser poetas sem rosto: entre uma afetação e outra gerada pela poética das/os poetas e por meio da ocasião de “estar juntos” naquele encontro-sarau. Algumas/uns poetas, inspiradas/os na mesma performance de Remido, a exemplo de Victor Malandro, um dos primeiros poetas de cambão da Cidade, recitam seus poemas também com a “cara amarrada”, performando a invisibilidade e o silenciamento histórico e social de suas próprias histórias de vida e as de seus semelhantes.

A/o poeta, e sua poesia como agenciamento coletivo, usam máscaras na possibilidade de tornarem visíveis, em alto e bom som, primeiramente, a sua própria condição e, quem sabe, o complexo e problemático esforço de representar o ‘Outro’. Pois representar alguém ou até mesmo algo se tornou uma questão extremamente complexa e problemática “com consequências para a certeza e a capacidade de decidir tão cheias de dificuldades quanto se possa imaginar”, conforme Edward Said (2003, p. 115). Questões como “pelo o quê, contra o quê, a favor de quê e de quem” as e os poetas inventam “maneiras de fazer” na vida cotidiana, são centrais no emaranhado tecido da re-existência poética.

Ao se unirem no espaço-sarau poético, expressam toda a sua indignação “amarrada na cara”, uma pluralidade existencial estruturada nas relações assimétricas

de poder; o racismo, o patriarcado e o espaço-precário-Favela que determinam quem são as vidas descartáveis e não passíveis de luto nestes mesmo cálculos da dominação.

Como corpo-poeta, a primeira demanda é permanecer vivo em face a uma impossibilidade ontológica, portanto, de um exercício do direito de aparecimento e reivindicação da liberdade em um “mundo-branco” cujo a *força necropolítica*, “ao transitar pela ficção, adocece a vida”, conforme Mbembe (2019, p. 85), ou ainda, “num acto de reversão permanente, toma a morte pela vida e a vida pela morte” numa versão atualizada do colonialismo (atual sistema financeiro como “lógica da *Plantation*” no século XXI): “motivo pelo qual a relação colonial oscila constantemente entre o desejo de explorar o Outro (formulado como racialmente inferior) e a tentação de eliminá-lo” (idem).

Algumas das e dos poetas se apresentam, além dos inúmeros espaços-saraus espalhados pela Cidade, em faculdades, livrarias e escolas públicas. São convidadas/os a darem entrevistas em programas de televisão local, como foi o caso de Samuel Denker e Carlos Melo, no Programa Matina da TV União¹⁶ e até nacional, como foi o caso de Jardson Remido, um dos entrevistados pelo Programa Profissão Repórter, da Rede Globo de televisão¹⁷. Outros estão cursando algum curso superior ou já são formados. Existem ainda aqueles e aquelas que têm livros publicados, a exemplo de Nina Rizzi¹⁸ e Talles Azigon¹⁹.

A 27ª edição do Sarau da B1 no último sábado de fevereiro de 2018 estava “gerando”. Como de costume, o Sarau sempre homenageia uma pessoa, um coletivo ou ação política que beneficie as favelas e periferias. A homenageada da vez foi a Ocupação Gregório Bezerra²⁰. A estratégia de algumas/uns poetas ao *agregar* às ocupações, ao fazer uso das ocupações como forma de luta, é reivindicar a construção de moradias populares - necessidades de algumas/ns delas/es, mas também denunciar o Estado pelo abandono das obras nos prédios públicos, especialmente naqueles

¹⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OQuKDqUYMPo&t=569s>> Acesso nov.2018.

¹⁷ “Artistas da periferia espalham música, pinturas e livros pelas grandes cidades do país”. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/7030454/programa/>> Acesso nov.2018.

¹⁸ Disponível em <http://www.editorapatua.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=232> Acesso em nov. 2018.

¹⁹ Disponível em <<https://tallesazigon.wordpress.com/livros/>> Acesso em nov. 2018.

²⁰ Disponível em <<https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2018/06/a-ocupacao-gregorio-bezerra-e-as-violacoes-de-direitos.html>> Acesso jul. 2018.

destinados a oferecer serviços à população dos bairros populares de Fortaleza.

- “Microfone aberto!” avisa Carlos Melo após alguns instantes de gritos, aplausos e “silêncio”.

O poeta Júnior Scooby, com sua voz estridente, enquanto recitava/cantava seu poema, várias/os outras/os poetas “sem rosto” ali presentes acompanhava-o recitando com ele, formando um só coro: uma palavra de ordem, um poema-protesto! Se reconhecer no outro, nas palavras e na história de vida talvez seja um dos principais motivos dos laços e deste *afetos e relação*: em-Comum.

*Revolta Afro-americana, hoje a briga é por grana.
Meu povo se auto engana, na cama... que nem, ram!
Se vendendo por poder na velha ganância do ter.
PT, PSDB. Partidos diferentes, pois são tudo farinha do mesmo saco!
(Desabafo de um jovem pensante...)
Carregando a pureza de Buda e o coração de Gandhi.
Distante, irmão? Só os meus pensamentos...
Estou buscando evolução nessa selva de concreto e de cimento.
Onde o nêgo morre por causa do, ó...
Mas quem tá matando é quem se mata no teco do...
Mundo de loucura, não?! Que inventam a doença para depois inventar a cura.
Pras pessoas será a leitura! Comece a se politizar, a raciocinar!
Mais que o teu corpo, bote o cérebro pra trabalhar. Pois...
(microcefalia)
Parece que pegou na minha gente, o caso aqui ficou urgente!
E os jovens, os loucos, deficientes da sociedade?
Cegos começaram a enxergar!
Os mudos? Começaram a falar!
Os surdos? Começaram a escutar!
E o neguim aqui que não batia, hoje começou a espancar.
Eu levanto a bandeira preta pros pretos que mesmo com o preconceito
achar o conceito pra obter respeito!
Livre-se do seu mal estar, pois a minha e a sua alma só quer estar bem.
(É poesia, arte e cultura! É nós!)*

Com a mesma força e intensidade que Júnior Scooby, com sua voz e corpo recitava, em sintonia, várias/os outras/os poetas o acompanhava. Estavam dizendo tudo aquilo uns para os outros, para nós e, como já foi dito, para si próprios. Naquele

momento único e com certa medida de imprevisibilidade, todos ali estavam se percebendo um organismo vivo. Ao final, Wilbert Santos, um dos integrantes do Coletivo Bonja *Roots*, no centro do círculo e olhando para cada um de nós, cantando e dançando, puxou a canção “Oração” da Banda Mais Bonita da Cidade. Em um ritmo frenético, espontâneo e acolhedor, nos juntamos no centro do círculo; estávamos absorvidos cantando em alta voz, sorrindo e pulando abraçados como em círculo-espiral de movimento contínuo²¹.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. *Prácticas creativas de re-existência basadas en lugar: más allá del arte... el mundo de lo sensible*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2017.

ALEXANDER, Jeffrey. “Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais” In: *Revista Brasileira Ciências Sociais*. [online], vol.13, n. 37, 1998, p.5-31. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200001

BARBOSA, Lia Pinheiro. “Legado e rupturas da Revolução Soviética desde as lutas sociais na América Latina”. *Tensões Mundiais*, v. 13, n. 24, jan-jun, p. 107-138, 2017.

BEZERRA, Roselane Gomes. *O bairro Praia de Iracema entre o "adeus" e a "boemia": usos, apropriações e representações de um espaço urbano*. Tese de doutoramento, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2008.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRANDÃO, Marcílio Dantas. “Medo, fetiche e espetacularização da política de juventude em Pernambuco”. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 22, p. 145-182, 2016.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto*, tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CEFAÏ, Daniel. “Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva”. In: *Dilemas*, v.2 (4), 2009, p. 11-48. Disponível: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7163>

²¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QW0i1U4u0KE>> Acesso em nov.2018.

CERTEAU, Michel De. *A Invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CLIFFORD, James. *A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*, São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. "Questão de Pele para Além da Pele". In: RUFFATO, Luiz. *Questão de Pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*, 2ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FREITAS, Geovani Jacó de. *Ecos da violência: narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro*, Rio de Janeiro: Relum Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

GLISSANT, Édouard. *O pensamento do Tremor. La Cohée du Lamentin*, Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014.

_____. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011.

_____. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.

GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos movimentos sociais*, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUATTARI, Félix. "Espaço e poder: a criação de territórios na cidade", *Espaços e Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. Ano V, n. 16, São Paulo, SP: NERU, 1985.

HARNEY, Stefano & MOTEN, Fred. *Los abajocomunes: Planear fugitivo y estudio negro*, México: Campechana Mental El Cráter Invertido, 2017.

LEITE, Rogério Proença. "CONTRA-USOS E ESPAÇO PÚBLICO: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown". *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, Vol. 17, n. 49 - junho. 2002, p. 115-172. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a08v1749.pdf>

LORDON, Frédéric. *A sociedade dos afetos: por um estruturalismo das paixões*, Campinas-SP: Papyrus Editora, 2015.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*, 2ª ed. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. *Políticas da Inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

_____. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MISSE, Michel. *Malandros, Marginais e Vagabundos & a acumulação da violência no Rio de Janeiro*, Tese de Doutorado IUPRJ. Rio de Janeiro, 1999.

_____. *Crime, Sujeito e Sujeição Criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido"*, São Paulo: Lua Nova, 2010.

NASCIMENTO, Érika Peçanha do. *“Literatura Marginal”: os escritores da periferia entram em cena*. São Paulo: [s.n.], Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2006.

PAIVA, L. F. S. *“Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil*”, In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 32, n. 85, 2019, p. 165-184, jan-abr. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v32n85/0103-4979-ccrh-32-85-0165.pdf>

PEDROSA, George. *Palmas e Palmeiras*, Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2012.

Subcomandante Insurgente Marcos. *“Ni el Centro ni la Periferia”*. *Primer Coloquio Internacional* In Memoriam Andrés Aubry. Planeta Tierra: movimientos antisistémicos. Chiapas: CIDECI, 2007. Disponível em: https://www.nodo50.org/cubasigloXXI/taller/marcos_301207.pdf

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento & FREITAS, Geovani Jacó de. *Práticas de re-existências poéticas: a poesia no “busão” em Fortaleza (CE)*. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 22 n. 1, p. 97-123, mai. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/51166/33903>>

SPINOZA, Beneditus de. *Ética*, tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 [1677].

TENNINA, Lucía. *“Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos”*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez, 2013.